

O ano do pintor Ricardo Paula

ANA BELA MARTINS DA CRUZ

A EXPOSIÇÃO individual «Recados», do pintor Ricardo Paula, termina hoje, oficialmente, na galeria MAC — na Rua do Sol ao Rato, 9-C. No entanto há uma boa notícia, a mostra vai manter-se aberta durante mais uma semana, até ao dia 13, devido ao assinalável êxito junto do público e do mercado da arte. Como disse António Alcázar Baptista, no catálogo da exposição de 29/9/94 na MAC, «Ricardo Paula é mais do que uma promessa. É um pintor sobre o qual muito ouviremos falar».

O que interessa é o facto da promessa ser já definitiva. Apesar dos 31 anos (nasceu em Angola em 1964 e frequentou, em Lisboa, o curso de Design do IADE) e das influências do já desaparecido Mestre Dourdil (quem não conhece os frescos das paredes da, antes glamoroso, Café Império?), Ricardo Paula construiu a sua própria emancipação, tendo participado em 27 exposições colectivas, realizado oito individuais e ganhado três importantes prémios de pintura.

O futuro do artista será aquilo que ele quiser, com a certeza de que se trata de um grande pintor, em cuja obra «a arte se encontra com a normalidade, como se exprime a consciência do século», de A. Lobato de Faria no catálogo de «Recados».

Quero dizer, com a sinceridade e o distanciamento de quem conhece o artista muito depois da sua pintura, que as composições e os quadros de R. Paula (autónomos de modos, escolas e estilos) não significam o seu próprio tempo, já que se encontram para além dele. Existem como obras de arte hoje. E amanhã, no século XXI, continuarão a significar momentos altos da pintura portuguesa deste final de milénio.

Quem costuma ver pintura apercebe-se, com naturalidade, do original caminho seguido pelo artista. A consciência do traço é forte, de tal modo que passa, como corrente contínua, para o visitante atraindo-o para «duras vertentes numa única personalidade. A vida e o trabalho do artista decorrem em sentido paralelo. Como objectivo último, o mais importante não é arte, mas sim o que ela revela e nos consegue comunicar pela profunda exploração da realidade que nos propõe a nível epistemológico, existencial, material, sociológico e plástico». Palavras do catálogo de «Recados», a definir a pintura de Paula.

Nesta mostra, a luz da condição humana sobrepõe-se à procura do ideal estético. Trata-se de assumir a realidade para além de si mesmo. E o pintor é categorico: «Nos anos 90,

Os especialistas referem-no como o novo Dourdil. Hipótese de ver a sua obra até logo à noite, na galeria MAC, à Rua do Sol ao Rato. Discípulo do mestre, segundo Alcázar Baptista, vê-se na sua pintura que «Ricardo Paula é mais do que uma promessa. É um pintor sobre o qual muito ouviremos falar».



► RICARDO PAULA: exposição individual com êxito na galeria Movimento Arte Contemporânea

existe a falta de responsabilização, é como se vivéssemos em teste. Tenho a mania de dizer que as coisas deviam ser como nas touradas (sem simpatias especiais para

as touradas...), quer isto dizer que quando se luta do lado de dentro da arena, os se toureira ou não toureira. Senão, vamos embora.» Será a arte responsável para R. Pau-

la? «Penso que existem muitas responsabilidades na arte. Sociais e culturais, porque são pessoas que visitam exposições e a opinião do público é importante.»

Como acontece com quase todos os grandes quadros, cada um vê nelas algo que os outros não vêem. É para Ricardo Paula isso é o mais importante — que cada um acabe o quadro mentalmente, a seu modo. Integrando-o no ambiente da sua casa, adaptando-o à sua realidade quotidiana, doméstica. O pintor considera, à sua maneira especial e algo tímida, que os seus quadros nunca estão acabados. Por isso gosta «de se ver livre deles rapidamente». É a única maneira de resistir à tentação de estar continuamente «...a completá-los».

Tudo se resume a um problema simples. Um pintor não pensa em ser pintor no sentido teórico da matéria: é-o! Ou não! E isso não é o próprio artista a decidir, mas o valor real da sua obra. E o tempo. A sistemática das classificações pertence aos académicos, aos críticos e aos teorizadores. Um artista plástico, como Ricardo Paula nos disse, não pensa em estilos enquanto pinta um quadro. Pinta-o porque tem (sentir?) necessidade de o fazer, de se exprimir e comunicar com o seu tempo de uma maneira diferente. Ser pintor faz parte da sua personalidade, do seu carácter, não é de modo nenhum uma profissão ou uma maneira de ganhar a vida. A pior coisa que me podia acontecer era ser economicamente dependente da pintura».

A temática da mostra de quinze quadros do discípulo de mestre Dourdil é subordinada aos signos da comunicação pessoal em Ricardo Paula: «Recados», «Lisboa», «As Noites», «Os Dias», «O Céu e Eu». No espaço significativo da tela, em branco, organizam-se as manchas de cor, os óleos, o pó de cimento, os tons neutros (e os segredos das tintagens e das cores) que alastam em zonas sombrias pelos corpos femininos, pelos objectos e pela cidade. Depois é só recuar e olhar. *Regarder* (e não *voir*), aprender a totalidade presa na moldura e admirar a pintura de Paula. Vagamente figurativa, vagamente impressionista, diferente. Boa.

Trece telas a sua triptico é o número ideal de «Recados». Mensagens fragmentadas, códigos sobre impressões, atitudes reflexivas encontram-se e formam o significado, na tela. Como será que R. Paula encara o facto de se separar dos seus quadros quando os vende? «É determinante para ajudar-me a separar os trabalhos finalizados dos outros! Gosto de sentir que a pintura muda de mim. E vai viver de outra maneira. Se os quadros passam a viver no outro espaço é como se renascessem. Como se fossem para o Céu. Gosto de pensar assim. É cómodo.» É simples.